

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

019

O assalto que assombrou o RS

O ataque a um carro-forte na Serra há 16 anos é o 19º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, crimes marcantes

Faltam poucos minutos para as 7h e está abafado. Seis de dezembro de 1995 vai ser mais um dia de forte calor na serra gaúcha. Os três homens, experientes, controlam os nervos. Caminham sem pressa e com segurança rumo ao posto da Polícia Rodoviária Estadual na rodovia Bom Princípio-Caxias do Sul (ERS-122), na entrada de Farroupilha.

Os patrulheiros não poderiam imaginar jamais a cena seguinte: os homens sacam pistolas escondidas na cintura e os dominam sem dificuldade.

Pior: são despidos e presos na cozinha com suas próprias algemas. A chave do veículo da polícia é quebrada e o tanque esvaziado. O telefone e o fax são desligados, os revólveres dos policiais jogados na água, sem munição.

– Eles sabiam muito bem o que estavam fazendo – diria depois o cabo Ênio Caminski.



Rapidamente, os homens vestem as fardas e as toucas ninjas. Vão para a estrada simular uma blitz. Param dois carros, um BMW e um Vectra com placas de Caxias do Sul. E os motoristas são amarrados junto com os PMS, na cozinha. Chegam mais cinco assaltantes, com fuzis Colt AR-15, padrão Forças Armadas. Agora, param um caminhão e o atravessam na estrada, interrompendo o trânsito.

Logo aparece o veículo blindado da Prosegur. Traz uma fortuna em dinheiro para o pagamento do salário dos empregados de duas grandes empresas, uma de Farroupilha e a outra de Veranópolis.

Os seguranças e o motorista são recebidos pelos assaltantes com uma saraivada de balas. Só por sorte e porque resolveram não resistir é que estão vivos, jogados no acostamento da estrada, dois deles feridos pelos estilhaços: 37 balas de fuzil perfuraram os cinco milímetros da chapa de aço do carro-forte.

As armas são levadas junto com os malotes e a operação chega ao fim, exitosa, em 45 minutos. É um assalto com resultado gigantesco: R\$ 956 mil, cerca de US\$ 1 milhão à época.



Homens decididos, carros velozes, telefones celulares, armas potentes. Já haviam acontecido dois outros assaltos com essas características, em novembro de 1994: um em Caçapava do Sul, outro na pequena Cocal do Sul (SC).

Não é difícil para a polícia concluir: aquilo só pode ser coisa do bando do catarinense Cláudio Adriano Ribeiro, o Papagaio, um velho conhecido. A juíza de Farroupilha Maria Aline Fonseca decreta sua prisão e a de seus comparsas no dia seguinte.

Policiais promovem uma “operação de guerra”, segundo a imprensa, incluindo recompensa para denúncias fundamentadas. Mas Papagaio só foi preso, em flagrante, um ano e meio depois, em julho de 1997, ao comandar um novo assalto a banco em Blumenau (SC).

Houve tiroteio e o vigia Valdecir Amaral, 32 anos, atirou contra ele e acertou dois disparos. Foi fuzilado na mesma hora pelo bando.

– Ele não poderia atirar, por isso foi morto – explicou Papagaio ao delegado no Hospital Regional de São José, na Grande Florianópolis. Algemado a uma cama, ferido num pulmão e no abdômen, agradeceu a solidariedade dos parceiros.



A partir daí, a vida de Papagaio é feita de condenações e fugas espetaculares: seis ao todo. A primeira delas acontece logo, em agosto de 1997. Três homens do seu bando rendem a escolta de cinco policiais e ele é resgatado do hospital de São José. Só foi recapturado em outubro, em Gurupi, no Tocantins. Vivia tranquilo com uma adolescente de 15 anos, na sua casa luxuosa, com piscina e cascatas.

Papagaio havia cometido um erro: no assalto de Blumenau, carregava no bolso documento com sua foto e o nome de um dos patrulheiros do assalto em Farroupilha.

Em 1998, é condenado a 36 anos e 11 meses de reclusão, pelos dois crimes, o de Blumenau e o de Farroupilha e, no ano seguinte, foge da Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc), então a mais vigiada do sul do Brasil. É o primeiro a conseguir a façanha.

Em 2011, ganha liberdade provisória e consegue emprego. Depois de algum tempo, desaparece. Recapturado em dezembro, volta ao regime fechado, na Penitenciária Modulada de Montenegro. Aos 45 anos, ainda tem 39 anos de pena a cumprir.

E nunca se teve notícias dos R\$ 956 mil levados no maior assalto no Estado até então, superado só em 2006, quando a quadrilha de José Carlos dos Santos, o Seco, levou R\$ 3,9 milhões de uma empresa de transporte de valores de Santa Cruz do Sul.

O crime

Vítima:

Empresa de transporte de valores Prosegur

Época do crime:

Dezembro de 1995

Cidade:

Farroupilha

Autor:

Quadrilha comandada por Cláudio Adriano Ribeiro, o Papagaio

Motivação:

Financeira



Trinta e sete tiros de fuzil perfuraram a chapa de aço de cinco milímetros do blindado



Líder do bando, o assaltante Papagaio já fugiu seis vezes e hoje cumpre pena na Penitenciária Modulada de Montenegro



RONALDO BERNARDI, BD, 30/11/2006